

IMAGENS, TIRAS E TRADUÇÕES

Uma pesquisa sobre processo criativo



Rodrigo Paulo da Costa de Paula

Rodrigo Paulo da Costa de Paula

Imagens, Tiras e Traduções

Uma pesquisa sobre processo criativo

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao
Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.
Habilitação: Artes Gráficas
Orientador: Prof. Vlad Eugen Poenaru

Belo Horizonte
Escola de Belas-Artes da UFMG
Novembro de 2013

Sumário

Introdução	5
Produção	6
Descobertas e Experiências	23
Processo Criativo	45
Onde Estamos agora	52
Bibliografia	55

Introdução

Introdução

Produção

Producir esse trabalho de criação de imagem foi um processo que durou muito tempo, e que gerou muitas descobertas e ativou uma série de autoconhecimento muito grande. Trabalhar com desenho sempre fez parte do meu cotidiano e é algo que eu sei que vou trabalhar pelo resto da vida, é a minha forma de traduzir as loucuras que eu vejo pelo mundo. Trabalhando com desenho e produção de imagem, eu consigo realmente materializar todas essas milhões de peças que viajam na minha mente todos os dias.

Quando eu comecei a realizar esse trabalho que se apoiava no tema da cidade, o que acontece a sua volta e como enxergar tudo isso, foi quando eu senti que eu poderia me aproveitar melhor de todas as imagens que eu sempre via por aí e transformar em um trabalho consistente e que realmente refletisse a minha personalidade e tudo o que eu gostaria de falar sobre o lugar onde eu estou situado.

A realização dessa primeira etapa do trabalho, usando essas imagens sobre a cidade, me fez perceber que esse caminho era realmente um que eu poderia seguir. O resultado foi extremamente positivo para minha evolução, apesar de todos os problemas com suportes e com a plataforma expositiva, foi um dos primeiros trabalhos desde o inicio da minha formação que realmente me deu uma possibilidade concreta de continuação, foi fácil enxergar os desdobramentos e o que poderia sair futuramente desse projeto.

Foi nesses trabalhos, onde eu comecei a usar essa abordagem de charge , usando situações do cotidiano da cidade junto com a minha forma de ver as coisas. Em uma cidade grande, esse tipo de situação cotidiana acontece a cada esquina, mas cada pessoa enxerga esses eventos de uma forma diferente, e o que eu gosto tanto desse trabalho, é que eu posso mostrar para as outras pessoas a minha forma de ver esses eventos.

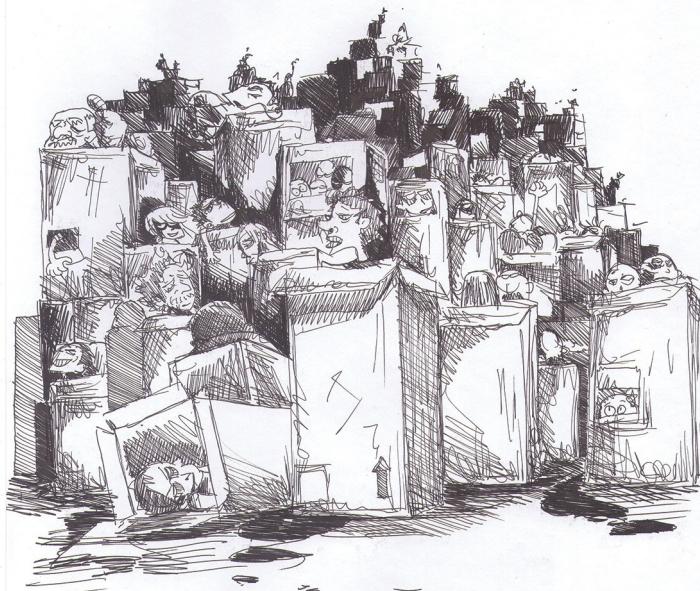
Essas características do trabalho refletem, e muito, na minha personalidade. A carga política desses trabalhos é bem presente, mas não é colocada de uma forma explícita.

Praticamente todas as imagens exigem certo tipo de interpretação e intertextualidade, porque eu simplesmente não

entrego nada de bandeja para quem interage com as imagens. Você tem que raciocinar um pouco, ver as simbologias, fazer essa ligação com o que está acontecendo agora na cidade, sendo assim, eu realmente acabo exigindo um pouco do espectador para interpretar tudo.



Download For Food



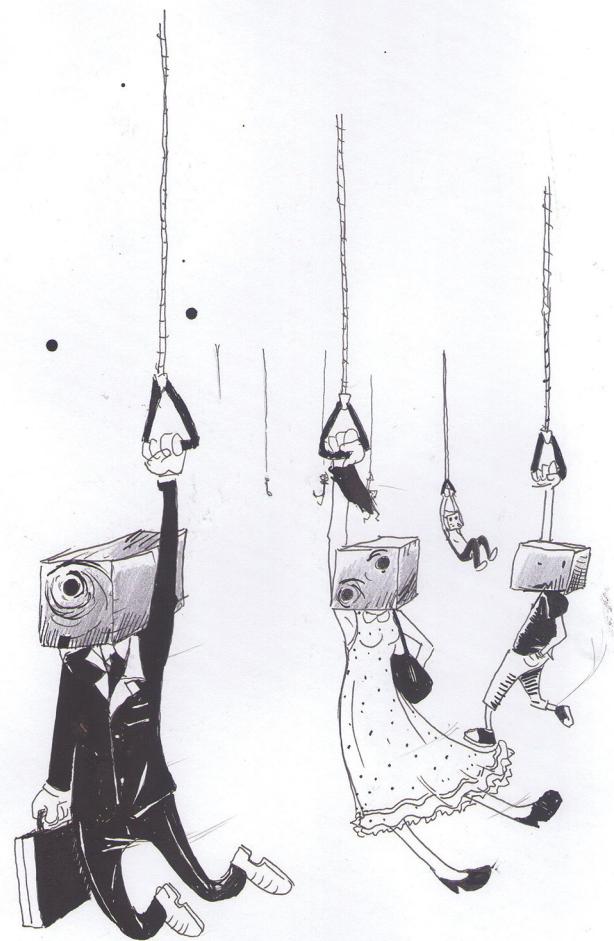
Cidade: Pessoas
em caixas...

cidade - pessoas em caixas



Grande

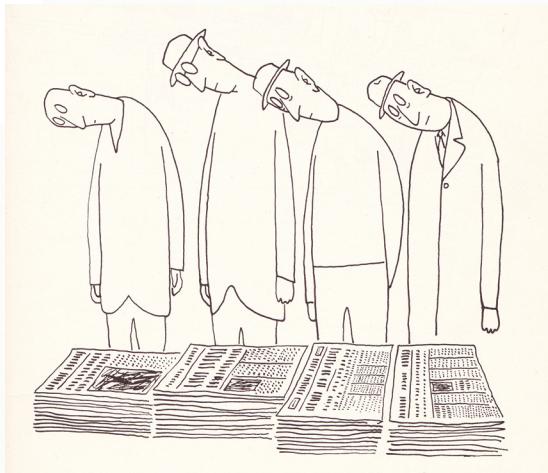
Cidade - Grande



Sem Título



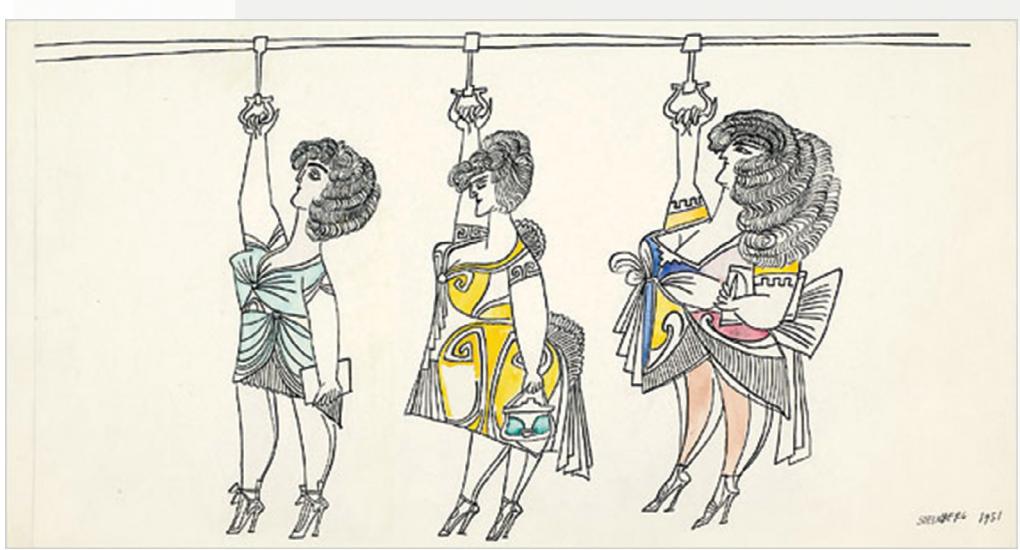
Saul Steinberg



Saul Steinberg

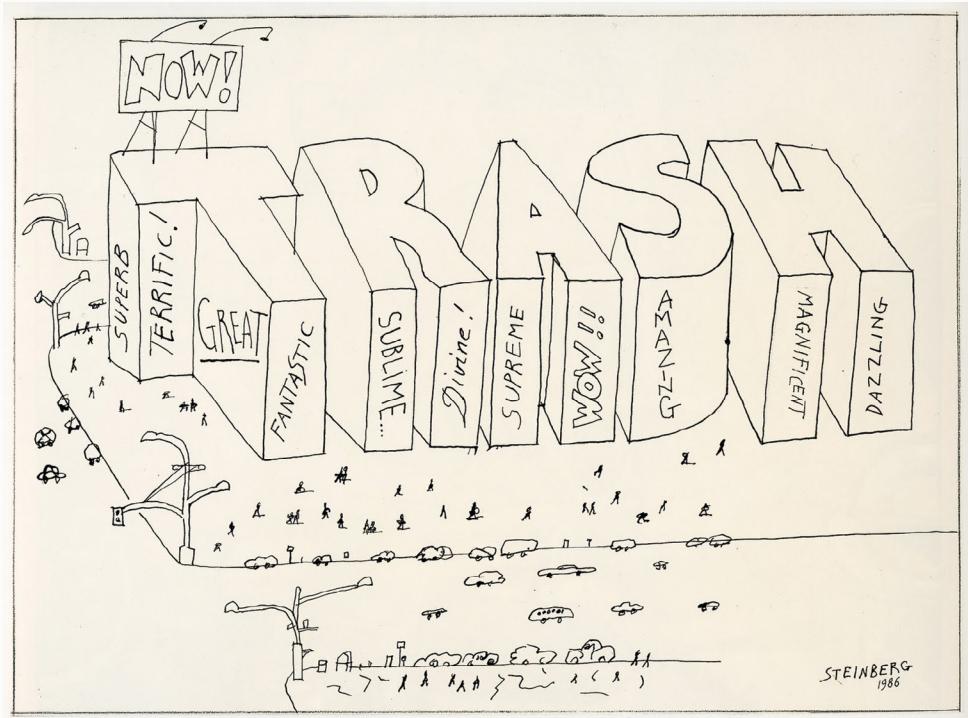
Um das influências que eu conheci pensando nessas etapas do processo, foi o trabalho de Saul Steinberg. Saul Steinberg é um artista que eu conheci nessa pesquisa e que realmente me influenciou bastante. Suas imagens têm muito a ver com as representações da cidade que eu produzo e que eu quero produzir. Para mim, os desenhos e colagens de Steinberg, são muito atemporais,

e isso é algo que eu gostaria de incorporar nos meus trabalhos, essa carga de sentido que permanece, independente da época em que a imagem está sendo vista. O trabalho fala muito sobre a cidade, de uma forma bem sofisticada e complexa, e as críticas também permanecem sempre ali, mas tudo exige uma visão um pouco mais apurada do espectador para conseguir aproveitar bem a obra.



Saul Steinberg

Saul Steinberg



Outra coisa que eu não faço nesses trabalhos é levantar bandeiras e iniciar protestos. Não faz realmente meu estilo esse tipo de abordagem, aliás, eu nunca fui de aparecer muito, sou mais um cara dos bastidores, que solta uma frase ou outro no meio da conversa pra mudar um pouco a direção das coisas. Estar embaixo dos holofotes não é a minha meta, agora, indicar onde os holofotes deveriam estar iluminando, isso sim, combina muito mais com o meu objetivo. Sendo assim, o tipo de abordagem que eu levo nos meus trabalhos funciona como uma indicação de que tem alguma coisa errada, um lembrete de que tem algo acontecendo e que você deveria estar ciente disso, uma pequena chamada para participar e interagir com as coisas a sua volta. Esse objetivo, de fazer com o observador daquela imagem interpretasse o que visse, e tivesse a sua própria visão do que realmente estava acontecendo ali guiou uma boa parte do trabalho. A ideia seria criar imagens que pudessem ter certo significado para quem tivesse acesso a elas.

Nesse ponto, a plataforma expositiva foi o que fez uma grande diferença na forma como as pessoas poderiam interagir com essa obra. Uma das etapas desse trabalho foi usar o sticker como suporte. Com a mecânica de sticker e a possibilidade de fixar os trabalhos em qualquer lugar, os resultados realmente podiam ser muito diversos. Tudo poderia influenciar na leitura do trabalho. Um trabalho colado em diferentes lugares poderia ter uma interpretação totalmente diferente. Colar um adesivo na parede de um açougue e na parede de uma igreja traz leituras totalmente diversas, mesmo sendo a mesma imagem. Foi uma experiência muito válida trabalhar com essas possibilidades.

Ratonez da Copa - sketch



Claro que essa mecânica de sticker tem muita coisa para levar em consideração. Os trabalhos acabam tendo um tempo de vida bem menor e está totalmente sujeito a ações externas. A fragilidade desse tipo de trabalho é muito grande, deixando difícil manter a exposição dele por muito tempo. Outra questão também, é que a mídia do sticker acaba sendo uma abordagem não tão visível no dia a dia. Por mais que esses trabalhos estejam espalhados pela cidade, é muito mais difícil de ser percebido pelas pessoas que passam perto dos adesivos. E, nessa didática do sticker, a imagem tem que ter uma carga simbólica muito mais forte, tem que ter uma presença que pode ser interpretada e lida de uma forma muito rápida. Assim os signos e símbolos têm um peso muito maior na hora de criar uma imagem pensada para isso.

Ratonez da Copa

Ratonez da Copa - sketch 2





Metrô Praça 7

Essa etapa do trabalho gerou algumas imagens bem diferentes das primeiras que foram produzidas, porque elas tinham cores fortes, e eram muito mais rápidas de serem lidas, seguindo mesmo a didática do sticker. Alguns desses stickers acabaram se tornando algumas das minhas imagens preferidas dessa leva de trabalhos, por conta da sua importância no meu cotidiano, e das mensagens que estão enfileiradas ali.

Quando a ideia de usar a plataforma de sticker para realizar o trabalho surgiu, a forma

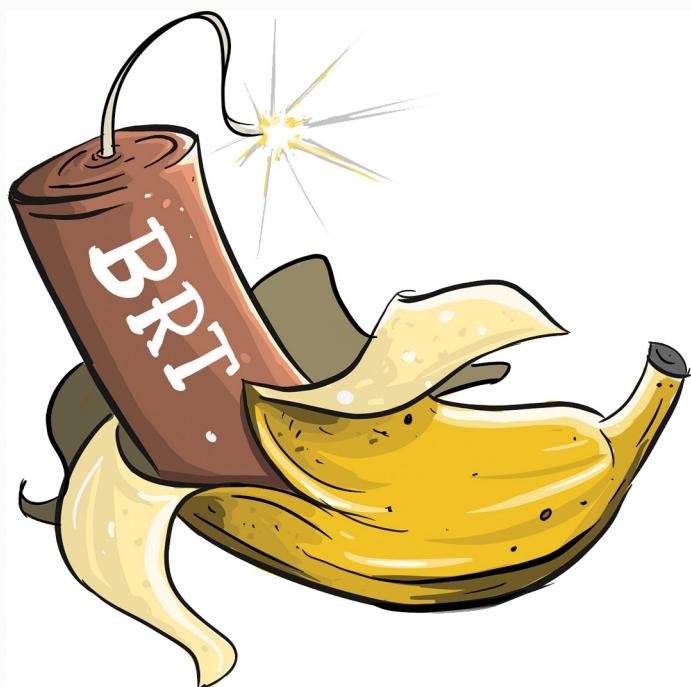
de representar as ideias e as imagens também mudou muito. O tempo de leitura de um sticker é muito mais rápido do que de uma charge, ou uma ilustração mais complexa. Então a forma de produzir as imagens também foi bem diferente, eu usei muitas cores e deixei as imagens bem mais chamativas e diretas.

Depois dessa série de stickers, as imagens que eu produzi já seguiam uma linha bem diferente, até mais relacionada com o primeiro tipo de abordagem, as imagens se pareciam bem mais com charges

Mares de Belô



BRT





ou tiras do que com stickers. E realmente essa forma de trabalhar funcionou de uma forma bem melhor, não a definitiva, mas bem mais fácil para o espectador ter acesso ao trabalho.

A ultima etapa desse trabalho, a etapa que está em andamento no momento, foi uma abordagem bem mais parecida com a primeira. Apesar de todas as possibilidades do sticker e das questões que poderiam ser abordadas ali, eu percebi que não era exatamente a forma que eu gostaria de veicular esses trabalhos, acredito que as obras que eu queria produzir tinham um tempo de digestão bem diferente. Eu queria que as imagens pudessem ser apreciadas com certo tempo, e que as ideias ali pudessem ser encontradas à medida que o espectador fosse tendo o contato com as ilustrações. Por isso, nessa etapa, eu decidi seguir um caminho mais voltado para a ilustração mesmo, algo bem mais parecido com charges e tiras, onde é possível ver uma forte carga política e intelectual expressa de uma forma mais sutil, muitas vezes irônica, em uma abordagem muito mais pessoal, exigindo um conhecimento bem mais atual do

que está realmente acontecendo a sua volta.

Essa proximidade do meu trabalho com as charges já tinha sido apontada antes, durante a minha produção de sticker. Essas características das charges que tem tanto a ver com a minha personalidade e com a forma como essas imagens são produzidas, além da proximidade da minha ideia de leitura das imagens, acabaram me mostrando tantas semelhanças que eu segui por esse caminho bem mais semelhante a charges.

As imagens que foram produzidas nessa etapa têm uma proximidade muito maior com esse mundo das charges.

A inclinação política de cada imagem também fica um pouco mais evidente, e o espectador realmente tem que se situar com o que está acontecendo ao redor para ter uma leitura das obras. Claro, há muitas características que acabam sendo mais abrangentes, como símbolos de transporte público, ou a associação de baús e moedas com grandes quantias de dinheiro, deixando as obras bem mais acessíveis, mas ainda assim, exigindo um certo esforço da parte do espectador.

Essa série de imagens que aborda alguns problemas que eu enfrento, e que a grande maioria



O ovo de Domingo



Sardinha Diária - Sketch

da população acaba enfrentando no decorrer da jornada diária pela cidade, é uma das séries que foi mais interessante, tanto na hora de fazer, quanto posteriormente. Essas situações foram todas cenas que eu me deparei em algum momento, e as imagens são realmente as traduções do que eu vi nesses eventos, e foi um resultado bem interessante. É uma série que ainda está em andamento, tem muitas outras imagens que ainda precisam ser produzidas, e essas peças realmente representam vários aspectos da vida na cidade e das coisas que estão a minha volta.

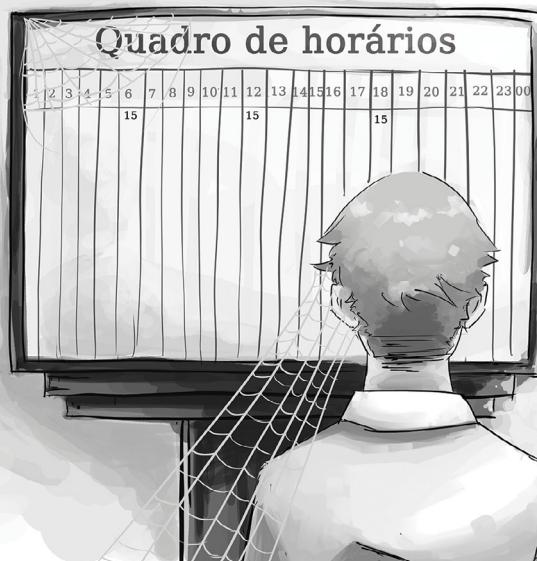
Nessa etapa do processo, eu ainda fiquei um pouco na dúvida sobre a melhor plataforma expositiva para o meu trabalho.

Todas essas peças da ultima etapa foram expostas na galeria, e durante a exposição surgiram várias outras possibilidades de suporte para os trabalhos. Realmente não sei se esse ambiente da galeria é o ideal, acho que muitas vezes esse tipo de trabalho funciona melhor em outras mídias, principalmente mídias impresas. Esse será um ponto, uma nova etapa que vai ser abordada nesse trabalho, e ao explorar essas outras possibilidades, acredito que a visibilidade vai ser muito diferente. A forma como o espectador reagirá e o tempo que ele irá digerir as informações vão funcionar de uma maneira bem diferente.

Tarifa B



Quadro





Tarifa A

Proibido





Ponto Molhado

Ponto de Palhaços



Metrô Praça 7



Descobertas e Experiências

Eu não sei se as minhas ideias são simples, se eu sou um pouco mais direto sobre o que eu quero falar, fazer e mostrar, mas realmente eu não consigo viajar extremamente com vários fatores teóricos e explicando mil coisas. Realmente eu nem acho que seja esse o momento certo para isso. Essa etapa da conclusão do curso está funcionando mais para mim como uma reflexão, uma forma de descobrimento, do que um momento de teorizar e gerar uma bula sobre tudo o que eu faço. Claro, tem várias coisas que eu fui descobrindo, decifrando, e entendendo com o passar do tempo, e eu acho que esse é o caminho que cada artista acaba seguindo em relação a sua própria obra.

Hoje eu consigo olhar de uma forma bem diferente os trabalhos que eu desenvolvi anteriormente, e tudo o que eu produzi, justamente porque eu consegui ir entendendo aos poucos.

Acho que é uma das coisas que acaba me levando a nunca parar de produzir, porque sempre que aparece uma ilustração nova, um charge, ou uma ideia, sempre que eu acabo desenvolvendo alguma coisa eu acabado descobrindo mais e mais sobre o que eu faço.

Trabalhar com imagem, e ter essa possibilidade de gerar todas as informações que passam, que caem, que chegam e se alojam na minha cabeça é realmente uma experiência incrível. Cada vez que eu tento traduzir alguma coisa para o papel, acabam surgindo mil outras no processo. É como conhecer o mundo, você pode viajar para vários lugares, ver várias coisas diferentes, mas sempre vai surgir algo novo para se ver, algum lugar novo para ir, pessoas diferentes para conversar, e experiências novas para vivenciar.

Quando eu comecei a trabalhar explorando mais o tipo de imagem que eu produzo hoje em dia, foi um processo grande de aprendizado e aceitação.

Nunca tinha passado pela minha cabeça que, todas essas questões políticas e todos esses temas pudessem se incorporar tanto na minha produção.

A forma como esse tipo de característica aparece no meu trabalho não foi algo que eu esperava que acontecesse.

Desde o começo da minha vida acadêmica eu sempre trabalhei com desenho, sempre fez parte de tudo o que eu buscava e fazia. E eu tive muitas referências de ilustradores, sempre tive diversos artistas em que eu me espelhei para colocar os padrões dos meus trabalhos. Alguns desses artistas têm muito a ver com o trabalho que eu desenvolvo agora, minhas imagens carregam muita coisa que, com toda certeza, foi influência desses artistas.

Um desses artistas, é um ilustrador e criador de tiras que eu não acredito ser muito conhecido, mas eu acompanho o trabalho dele há muito tempo, e as pitadas ácidas e sarcásticas que sempre aparecem nos trabalhos que me influenciaram demais na minha caminhada.

Nicholas Gurewitch é um artista americano que trabalha com tiras de jornal e quadrinhos na internet. O projeto

“The Perry Bible Fellowship” é realmente incrível, e mostra muito bem esse lado do humor negro, essas situações cotidianas que são encaradas de uma maneira diferente.

Nos quadrinhos, as críticas à sociedade sempre aparecem, mas eles retratam tudo de uma forma mais despretensiosa,



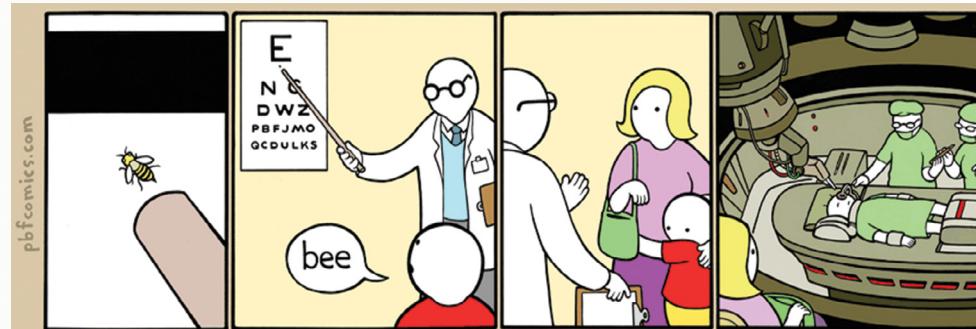
The Perry Bible Fellowship - Christmas Card



The Perry Bible Fellowship - Billy the Bunny



The Perry Bible Fellowship - Special Delivery



The Perry Bible Fellowship - Bee

forma mais despretensiosa, levando mesmo para o lado do humor negro, mas sem fazer morrer a crítica que está inserida ali. Brincando de expor as facetas da sociedade, e brincando também com os valores e senso comum.

Eu simplesmente acho incrível como quadrinhos tão simples acabam gerando essas reflexões em mim, e acabam me mostrando o quanto esse tipo de imagem pode atingir as pessoas, fazer com que as pessoas parem e pensem no que acabaram de ler.

O trabalho de Gurewitch tem uma carga política em uma dose menor, o que não quer dizer que ela não esteja ali.

É bem parecido com o que eu quero atingir no meu trabalho, esses pensamentos de reflexão que surgem dessa maneira mais despretensiosa , sem obrigar o espectador a vestir alguma camisa de partido, mas mostrando que isso está acontecendo na sociedade , e você pode fazer alguma coisa sobre. Isso acaba sendo bem diferente da forma com que eu sempre abordei os meus trabalhos, e, a forma como eu abordo a minha vida e as situações que eu passo. Eu sempre gostei dos bastidores, falar algumas coisas pertinentes, mas sem aparecer demais, instigar um pouco, colocar certa lenha na fogueira, mas nunca acender o fogo realmente.

E então, ironicamente, essas questões políticas começaram a aparecer. Não sei dizer bem se foi uma coisa natural, se foi um entendimento do que realmente eu gostaria de falar, um processo que já vinha acontecendo e eu não me dava conta. Mas tudo isso começou a refletir no meu trabalho. Essa necessidade de falar sobre algumas coisas, de deixar

claro a minha posição sobre alguns assuntos e sobre acontecimentos que me rodeavam, como lidar com tudo isso e como deixar claro para as pessoas que, talvez haja mais alguém que pensa sobre esse tipo de coisa. Mostrar que sim, eu também estou aqui nessa cidade e passo por todos esse problemas também. E dar uma instigada mesmo, fazer com que quem não entendeu que tem coisas acontecendo à volta, abrir um pouco os olhos para isso.

Não de uma forma a exaltar partidos, brigar por causas e nada do tipo, mas sim, as questões começaram a aparecer de uma forma que questionava as atitudes da sociedade, a visão sobre como as coisas são feitas hoje em dia, a forma como lidamos com todos esses problemas da cidade e todas essas coisas cotidianas que temos que enfrentar diariamente. Porque ficar calado diante de determinadas situações, onde a nossa voz poderia realmente fazer uma diferença grande ? E foi com as imagens que acabei encontrando a minha forma de falar sobre essas coisas, de fazer as pessoas pensarem um pouco sobre isso, de entender a minha posição e o que eu pensava e tentar mostrar isso

de algum jeito.

Os trabalhos foram acontecendo de uma maneira bem sutil, as conversas entre o que me incomodava, chamava a atenção e estava acontecendo a minha volta com as imagens que eu produzi foram muito boas, e eu consegui realmente encontrar uma direção para seguir. Essas características se fundiram de uma forma muito válida ao meu trabalho.

Algumas imagens que eu produzi e que deram início a essa etapa da minha produção, levavam como tema principal essas questões da cidade. Eu abordei

essas questões de uma forma talvez não tão direta quanto os trabalhos que vieram depois, mas isso foi um processo. Claro, essas questões também estavam presentes ali, mas a forma como tudo aparecia e se encaixava era um pouco diferente, um pouco menos focado em representar algumas ideias e deixando a imagem um pouco mais solta. Trabalhar usando a cidade como inspiração e até mesmo como suporte foi uma experiência diferente para mim, e o que começou como certa imposição por parte de alguns trabalhos que



Feliciano Feelings

aconteceram anteriormente nos ateliês da faculdade, acabou se tornando parte integrante dos trabalhos que vieram depois.

Nesse meu processo de descoberta e de entendimento sobre a minha produção, acabei chegando à conclusão de que toda essa temática da cidade e dos problemas e situações que eu encontro, são peças que eu me sinto muito a vontade pra construir e moldar minha produção. Com todas essas possibilidades, e todas essas questões que são tão pessoais, e ao mesmo tempo tão compartilhadas com todo o resto do povo que habita essa cidade, eu realmente acabei descobrindo uma vontade bem maior de representar todas essas questões.

Colocar uma visão política sobre os assuntos, expor opiniões e posicionamentos, foi um processo novo e diferente, e foi um processo de descoberta.

Colocar essas ideias de uma forma em que eu pudesse realmente expressar tudo o que eu queria dizer foi uma situação nova .

A ideia principal de usar os stickers foi tentar reproduzir o que realmente acontecia comigo ao enxergar as imagens, mas de

uma forma que pudesse atingir os espectadores que estivessem andando pela rua. Enquanto alguém estivesse andando despreocupado pela cidade, e de repente, se encontrasse com uma imagem que eu vi e, depois de traduzir, coleí ali na parede, passaria por um processo bem parecido. Parecido, não igual, porque seria impossível reproduzir completamente a minha experiência, exatamente porque a experiência é única e diferente para todos.

Cada pessoa tem uma forma diferente de enxergar as coisas, eu posso passar por uma placa com um desenho de um círculo e enxergar algo, enquanto cada um das outras pessoas que passarem pela mesma placa pode enxergar coisas completamente diferentes. Isso porque cada um tem um carga de experiência que vai sempre mudando, e dependendo do que cada pessoal vivencia, essa forma de enxergar as coisas fica diferente, fazendo com que o significado de cada coisa seja totalmente diferente para todo mundo, o peso de uma imagem de um carro batido pode ter muito mais impacto pra alguém que sofreu um acidente do que para alguém que nunca andou de carro.

E essa ideia era algo que eu queria explorar também, seria extremamente interessante se fosse gerado um círculo de experiência, eu enxerguei uma imagem, fiz um tradução, depois alguém vem e vê essa minha tradução, e acaba enxergando de uma forma totalmente pessoal, e cria sua própria ideia em cima daquela imagem, fazendo assim com que cada um tivesse uma sensação diferente ali. Isso é o que basicamente acontece com qualquer obra de arte, o autor sempre vai ter uma ideia inicial, e um sentimento ali, alguma meta para alcançar, alguma reação que vai tentar alcançar, mas cada espectador vai encarar aquilo de uma forma diferente, e bem única. E eu acho que isso é uma das coisas mais envolventes, essa possibilidade de liberdade, de poder sentir o que quiser, e enxergar o que você tem que enxergar ali, sem ter que ficar se policiando a sentir algo pré definido, a questão toda é vivenciar a sua própria experiência. Por isso o suporte dos stickers gerou alguns problemas, querendo ou não, acaba sendo uma mídia invisível. É muito difícil alguém conseguir enxergar alguma coisa nesse ritmo frenético

que a gente leva a vida, nadando rápido pelas ruas da cidade, muitas vezes com mil e uma preocupações na cabeça, então, enxergar um sticker de no máximo uns 30cm no meio de milhões de estímulos que estamos acostumados a ter diariamente se torna muito complicado. Então toda a ideia de retornar as imagens para que outras pessoas pudessem ter a experiência de ver algo parecido com o que eu vi ali acaba sendo meio falha, fica difícil de realmente acontecer dessa forma.

O trabalho com os sticker gerou algumas imagens extremamente interessantes, e me fez cair numa questão muito profunda dentro das próprias imagens. A simbologia dentro das obras, o que realmente faria com que as pessoas que enxergassem aquilo conseguissem se relacionar com aquelas imagens a partir dos símbolos que estariam representados ali. Quais símbolos realmente poderiam ser lidos daqui a dez anos e serem realmente entendidos, quais realmente conseguiram passar a essência daquela imagem em qualquer lugar onde aquela imagem estivesse colocada.

E como todas as imagens são traduzidas na linguagem do desenho, essa questão de simbologia se tornou algo importante. Principalmente no trabalho com as imagens pescadas de pontos de ônibus, porque, por mais que seja fácil entender uma cena de chuva, uma placa de ônibus já é uma coisa um pouco mais complicada, e por isso a importância da simbologia, dos símbolos para passar uma ideia de uma forma mais simples e universal.

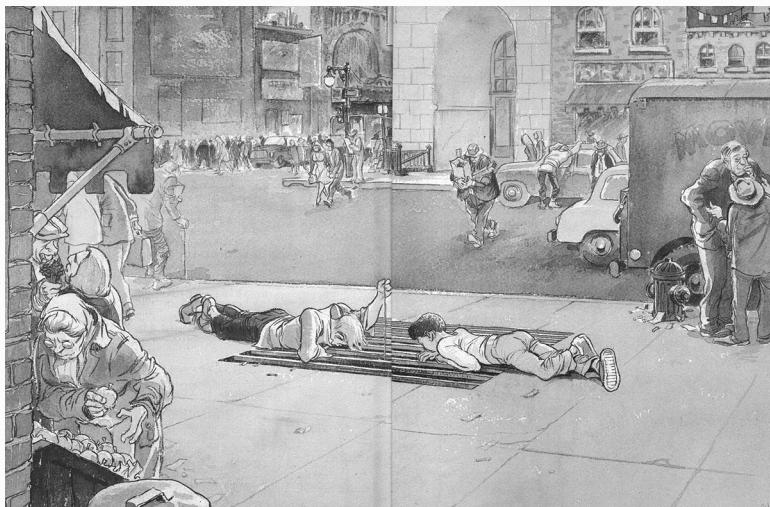
Durante os estudos para realizar esse trabalho, eu passei por diversas ideias e situações para tentar solucionar essas questões, e conseguir realmente colocar o espectador numa situação de imersão maior, e gerando uma situação de compreensão da imagem de uma forma mais fácil, de uma forma que a ideia principal estaria ali. Mas uma coisa que eu sempre me preocupei muito nas minhas traduções foi uma forma de colocar o espectador para pensar, fazer com que cada um conseguisse exercitar a sua forma de percepção do mundo, e realmente fizesse a mente trabalhar para situar aquelas imagens e relacioná-las com as situações da vida real.

Por isso, eu nunca fui de dar de mão beijada nada para o espectador, eu sempre exigi certo nível de raciocínio para conseguir compreender completamente uma imagem. Claro, isso não é algo que aconteceria com todos os espectadores, mas eu acredito que seria uma forma bem melhor de gravar com mais força a experiência de cada um, porque qualquer coisa que você realmente tem que refletir e pensar fica bem mais fortemente armazenada na sua memória. E não é muito mais valioso quando, ao invés de enxergar somente um banana, realmente ver uma banana de dinamite, com a simbologia toda desse artefato de destruição, aliada com a indicação das obras do brt de Belo Horizonte, que não é nada mais do que uma bomba que foi jogada no colo dos mineiros, e parar e pensar na relação das duas coisas dentro daquela imagem? Qual ficaria mais pertinentemente gravada na sua cabeça, a simples banana, ou a bomba de dinamite que foi jogada no seu colo com aquela imagem e te fez pensar realmente se aquela situação do brt não era mesmo uma verdadeira explosão?

Alguns artistas me influenciaram bastante nessa etapa, e eu acredito que eu tenha referências bem visíveis a esses artistas.

Uma das grandes influências que eu tenho, e que tem muitos trabalhos que se relacionam demais com a relação da cidade e seus habitantes é Will Eisner. Os trabalhos de Will Eisner têm uma representação das cidades de uma forma bem mais séria e crítica do que a que eu costumo abordar nas minhas imagens, mas a forma como ele se utiliza das imagens fortes e diretas e a forma como as representações das coisas do dia a dia são carregadas com um significado bem maior, refletem muito em tudo o que eu faço hoje em dia.

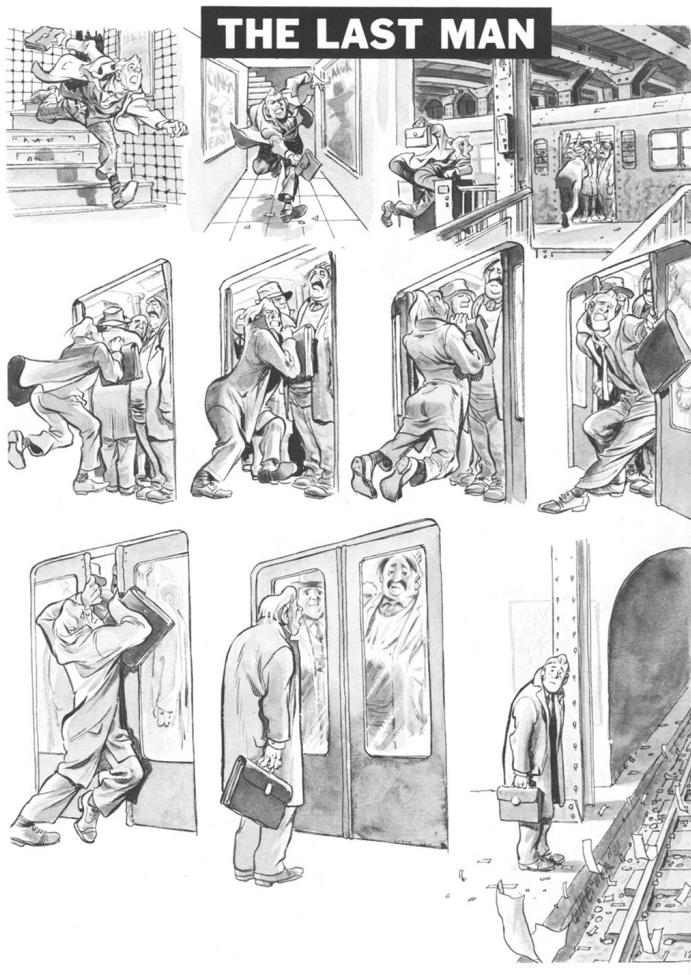
Quando eu tive a oportunidade de ler “New York The Big City”, eu fiquei realmente impressionado com a maneira tão próxima com que o autor retrata a cidade e suas personalidades, porque diversas situações ali são coisas que vemos todos os dias pelas ruas e nem prestamos atenção mais, coisas corriqueiras. O jeito como o modo de vida urbana é representado, mostrando essas diversas facetas da sociedade me fez pensar muito e reavaliar muito do que eu sempre pensei sobre a cidade em si. Eu tive a oportunidade de ler esse graphic novel quando eu estava começando a desenvolver as primeiras etapas dos trabalhos e, eu passei a enxergar muita coisa de uma forma bem diferente.



Will Eisner - New York
The Big City

Além disso, é impossível para mim, olhar para os trabalhos do Eisner e não os relacionar com o meu próprio processo criativo. Eu realmente acho que muitas das cenas presentes não só nesse livro,

mas em diversas outras obras dele, são retiradas diretamente de situações reais da cidade. Fico com a impressão muito forte que ele realmente deve ter pescado muitas imagens ao andar pelas ruas e ver tudo isso acontecendo.



Will Eisner - New York
the Big City
Last Man Standing

Durante a minha pesquisa para tentar entender realmente meu trabalho e o meu processo criativo, eu acabei chegando à conclusão que o meu trabalho tinha muito mais a ver com charge do que com as outras formas de abordagem que eu estava usando. Essas semelhanças me ajudam a compreender melhor o que eu estou fazendo. Analisando os meus trabalhos por essa perspectiva, eu pude compreender que, as plataformas expositivas que eu tentei usar não foram 100% perfeitas. Por isso estou direcionando o trabalho para a mídia impressa, acho que dessa forma o alcance que eu quero dar ao trabalho, o tempo de leitura, e a forma de apresentar o trabalho em si para o espectador vai ser muito mais eficiente. Nessa pesquisa mais aprofundada sobre chargistas, o trabalho de William Hogarth foi um dos primeiros a se destacar. Hogarth é praticamente lembrado como o pai das caricaturas sátiiras e as pinturas morais, e essa atitude e os valores presentes em seus trabalhos fizeram dele um dos artistas mais inovadores da sua geração, trazendo pela primeira vez na história a arte para o povo comum. inglês percorreu diversos

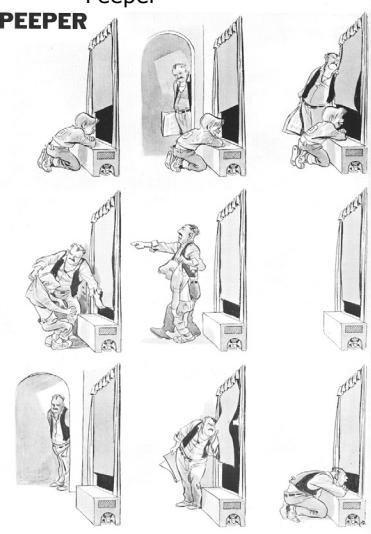


49

Will Eisner - New York the Big City Waste

Will Eisner - New York the Big City Peeper

PEEPER



98

gêneros, incluindo retratos e obras bíblicas e históricas. Fortemente influenciado pela vida, cultura e características populares do século XVIII, ele acredita que a arte deveria conter questões morais, além de uma qualidade estética. Os avanços tecnológicos da época contribuíram muito para o reconhecimento do trabalho de Hogarth, e , sem o crescimento das técnicas de impressão, os trabalhos dele não teriam sido nem tão lucrativos, e nem tão acessíveis às pessoas de classes sociais mais baixas, que não podiam se dar ao luxo de consumir arte , e esses trabalhos impressos é que realmente trouxeram o reconhecimento ao artista.

Seus trabalhos como “ A harlot’s Progress “ e “ A Rake’s Progress “ tinham um olhar que satirizava o governo e as cenas cotidianas do dia a dia, revelando as melhores e piores partes da cultura inglesa.

Vários artistas que trabalham com essa lógica da charge, em mídia impressa fizeram parte da minha pesquisa também. Inclusive, tendo um contato maior com o trabalho desses artistas, pude entender melhor como funciona a charge, quais são essas características que eu quero realmente explorar, o que funciona melhor para o meu trabalho. Sempre enxerguei a charge como uma forma de protesto.



William Hogarth -
A Harlot's Progress
Plate I

A charge e a caricatura sempre foram meios muito mais proletários e acessíveis. Formas de contestação, discutindo conflitos da sociedade, tudo isso se utilizando dessa materialização visual cheia de símbolos e de fácil acesso a todos. Essas imagens codificadas que poderiam ser usadas como uma forma de luta contra arepressão e usadas também para discutir as questões do que realmente está acontecendo.

Desses artistas, um dos que vale muito a pena citar é Henfil.

Henfil é um artista que eu sempre tive contato com o trabalho, mas só fui mesmo me aprofundar há pouco tempo. Com essa minha pesquisa pelos caminhos das charges, tirinhas, pude olhar os trabalhos com uma visão um pouco mais crítica foi realmente válido para o andamento da minha pesquisa. Eu não tinha essa noção, mas hoje em dia eu admiro demais os trabalhos de Henfil. Cada tira que eu vejo parece ter tanta coisa pensada ali, que eu fico impressionado como é possível caber tanta coisa em tão poucos traços e texto.



As imagens que ele consegue produzir me fizeram pensar demais nessas questões de protesto, de opinião. Abordar essas questões políticas de uma forma inteligente, e fazer com que o espectador realmente reflita sobre aquilo.

Essa característica de protesto e de luta política através dessa materialização de imagens é uma parte muito grande do meu trabalho. Por mais que não seja algo que eu faça de uma maneira extremamente aberta e escancarada, esse tipo de coisa está sempre presente, de uma forma muitas vezes mais escondida, mas ao mesmo tempo pronta para te chamar atenção sobre um valor, uma situação ou algo do gênero. Muitas vezes essa acaba sendo uma forma de até mesmo evitar conflitos maiores, mas mesmo assim expor sua ideia. Em épocas de ditadura, onde os governantes cortavam qualquer tipo de manifestação mais aberta, símbolos e mensagens assim acabavam sendo uma forma de mostrar ideias e pensamentos. Várias charges e até mesmo pequenos textos serviram para pavimentar esse caminho até chegar onde eu estou andando agora.

Vale a pena citar também aqui, que a linguagem crítica e o humor presente nas charges e caricaturas, fizeram parte integrante de vários períodos conturbados da história dos Brasileiros. Na minha pesquisa, busquei me aprofundar mais no universo que foi criado pelo semanário “O Pasquim”, fortemente reconhecido pelo papel que ocupou na oposição ao regime militar. A publicação que durou de 26 de junho de 1969 a 11 de novembro de 1991 foi se tornando mais e mais politizada a medida que aumentava a repressão da ditadura, e O Pasquim passou a ser quase um porta-voz da indignação do povo brasileiro com a época.

O Pasquim





Henfil AINDA A SÉRIE OS SOBREVIVENTES



O Pasquim

Com um grupo que reunia diversas personalidades que tinham um grande destaque na imprensa da época, como Ziraldo, Millôr Fernández, Cláudius, Jaguar, Tarso de Castro e Sérgio Cabral, além da colaboração periódica de nomes como Henfil, Paulo Francis e Ivan Lessa o jornal usava do humor inteligente para gerar reflexões, posicionar pontos de vista, juntar denúncias e até mesmo, rir da própria desgraça. Com uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, o semanário chegou a atingir marcas de 200 mil exemplares durante a década de 70.

O regime militar não encarava bem as críticas levantadas pela publicação, por isso O Pasquim passou por várias situações, onde inclusive, uma bomba chegou a ser colocada na redação do jornal, e só não explodiu por mal funcionamento. A censura impunha vários cortes nas edições do jornal e diversos números chegavam a ser recolhidos das bancas. Durante algum tempo, boa parte dos integrantes do grupo chegou a ser preso. Nessa ocasião inclusive, os membros restantes que continuaram a publicar o jornal e ao podiam divulgar o que estava realmente

acontecendo, foram auxiliados por diversos artistas e personalidades, e aconteceram algumas edições muito apoiadas nesses colaboradores. O que foi divulgado era que, uma gripe tinha tomado conta do jornal. O jornal ainda sobreviveu à abertura política de 1985, mesmo diante do surgimento de diversos jornais de oposição e novas formas de abordagem humorística. O Pasquim é considerado um dos maiores exemplos de imprensa alternativas do país e, é o veículo impresso que mais influenciou a grande imprensa no Brasil.

Ziraldo foi uma das peças que integrava o elenco de O Pasquim. Segundo o autor, a publicação era como um centro difusor de jornalismo crítico que pretendia fazer resistência à ditadura militar. Desenhista, cartunista, ilustrador, jornalista e escritor, Ziraldo é um dos artistas que trabalha com caricatura política e pessoal, sendo que, juntamente com outros artistas como Millôr Fernandes, tem uma produção comparada à dos cartunistas europeus do pós-guerra. Suas obras e personagens sempre apresentam temas brasileiros, e de maneira indireta, o artista faz



Ziraldo



Paulo Caruso



Millôr Fernandes

alusão às injustiças e aos abusos que afligem o Brasil.

Os irmãos cartunistas Paulo e Chico Caruso possuem uma obra que tem especial importância pela sua virtuosidade na caricatura pessoal. O irmão mais velho, Paulo Caruso, é um cultor da caricatura pessoal, e aos cartuns. Nos anos 1970, Foi integrante do *O Pasquim*, e ficou realmente conhecido pelos seus cartuns políticos. A partir daí, teve trabalhos publicados na grande imprensa: *Veja*, *IstoÉ*, *Careta*, *Senhor* e outras. Seus trabalhos também aparecem em publicações especializadas como *Chiclete com Banana* e *Geraldão*. Chico Caruso, cartunista, chargista, caricaturista, músico e humorista, possui um traço bem parecido com o do irmão, trabalhou com Laerte, Luis Trímano, Elifas Andreatto e Cassio Loredano. Nos seus trabalhos, nada de legendas ou balões, tudo ali deveria ser bem subentendido. Já Millôr Fernandes, Chargista, caricaturista, ilustrador, escritor, poeta, dramaturgo e tradutor, com mais de 50 anos de produção, se tornou um ícone do humor brasileiro. O humor gráfico e literário de Millôr acompanha as diversas mudanças políticas e

culturais que acontecem no brasil, se expressando em múltiplas áreas de atuação. Em 1955 divide o primeiro premio na Exposição internacional do museus de caricatura de Buenos aires com Saul Steinberg. Millôr ter uma forma de lidar com o desenho como uma forma de pensamento em papel, misturando referências das diversas camadas de cultura em suas criações. A suas obras são fruto de uma mente atenta aos fatos cotidianos, que interpreta o que vê com uma forma de humor mais refinado, muitas vezes se apoiando em fatos históricos e referências literárias para concluir

FIQUE CERTO DE UMA COISA,
MEU FILHO; SE VOCÊ MANTIVER SEUS
PRINCÍPIOS COM FIRMEZA, UM DIA LHE
OFERECERÃO EXCELENTE CONDIÇÕES
DE ABDICAR / DELES.



Millôr Fernandes



Millôr Fernandes

o discurso humorístico nas suas obras.

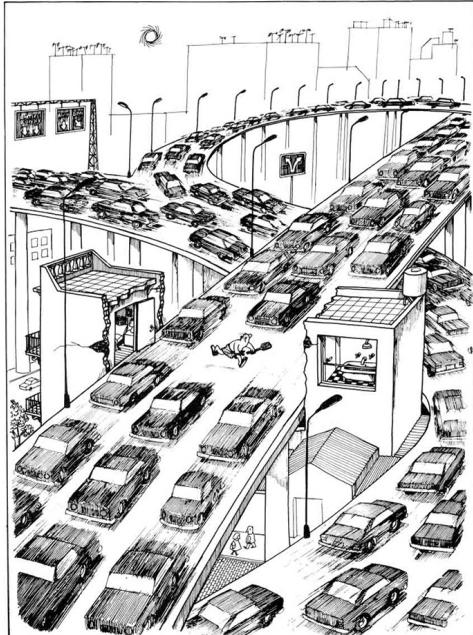
Outro artista que realmente teve uma influência grande na minha pesquisa, foi o Quino, um dos cartunistas sul-americanos que tem grande repercussão no cenário mundial, principalmente por sua obra de tiras de jornal e histórias em quadrinhos, envolvendo personagem como Mafalda. Também inserido em um cenário de vários problemas e reviravoltas políticas, suas obras refletem bem essas questões,

apresentando preocupações com política internacional, conflitos que as pessoas enfrentam com as mudanças de costumes e chegada de novas tecnologias. Quino possui um humor ácido e muito cínico, abordando sempre a miséria, absurdos da condição humana, questões sociais, autoridades e afins, fazendo com que o leitor receba suas mensagens cheias de críticas e conteúdos sociais.

Quino



Quino



er essa ideia em mente foi uma das características que realmente me fez dar um valor bem alto aos estudos para esses trabalhos, gerar uma carga de raciocínio e ainda assim conseguir traduzir parte das imagens que eu vi para o mundo real. E uma das coisas que me ajudou bastante nesse processo, foi estar realmente falando de algo que faz parte da vida de todo mundo que transita nessa cidade, e praticamente qualquer outra cidade grande do Brasil.

Os pontos de ônibus foram verdadeiros mananciais de imagens e informações, e não só os pontos, mas todas as viagem pra chegar em casa tiveram o mesmo efeito para mim. As situações, as pessoas, as realidades, tudo acaba sendo tão vivo quando você está participando ativamente ali, que fica difícil não se relacionar intimamente com aquelas situações.

Por isso eu acho que foi tão natural a escolha desses temas para esse trabalho em especial, porque é um tema realmente meu também. Nem sei se eu posso chamar isso de tema, sendo que realmente essas viagens e essas situações fazem parte da minha vida de uma forma tão intima.

Foi também uma decisão calculada, porque por mais que seja uma realidade na vida de todo mundo, e por mais que esses problemas e essas situações façam parte do transtorno diário do povo da cidade, são raras as mobilizações para mudar o que realmente acontece. Aparecer realmente nunca foi meu forte e meu trabalho reflete bastante a isso. Eu não tenho nenhuma militância escancarada ali nas minhas imagens, não tenho mesmo nenhuma bola política jogada na cara do espectador. O que eu tenho e o que eu faço é mais sutil, é bem mais próximo de uma singela beliscada em todo mundo que tem acesso às imagens, mostrando que essas coisas acontecem assim, todo mundo sabe e ninguém faz nada para mudar.

Por isso também a questão do humor e do sarcástico estão sempre presentes no meu trabalho, porque eu acredito que enquanto estamos rindo de nós mesmo, podemos acabar conhecendo muito mais sobre nossa própria natureza do que pode parecer à primeira vista. Às vezes é muito mais fácil perceber esses defeitos e essas situações, e essas tantas coisas que podemos mudar, se

encararmos tudo isso de uma forma um pouco mais tranquila, e nos dando uma chance para pensar. Minha meta com essas imagens, além de tudo, era fazer com que, pelo menos algumas pessoas conseguissem entender a mensagem ali, e parecesse pra pensar que, tudo isso realmente acontece com a gente e que poderia ser diferente.

Esse trabalho gerou pensamentos no mundo da arte que nunca antes eu tinha me preocupado. Eu sempre me considerei um ilustrador, não um artista. Eu sou um desenhista, um tradutor de imagens, não tenho essa pretensão toda que eu vejo muita gente ostentar. Aliás, eu acho que a denominação artista é um termo meio pesado, principalmente para estudantes de artes que, como eu, ainda estão aprendendo trocentas coisas da vida e tem muito chão pela frente.

Mas eu sempre me preocupei muito com o fazer, com a construção das minhas imagens, com a técnica, com todo o resto, e o que vinha depois sempre foi secundário. Eu iria desenhar e simplesmente o que acontecesse depois, aconteceria. Mas não é bem assim. A verdade é que, tudo tem que realmente ser muito bem pensando nessa coisa de produção

de imagem, não é só o que você está fazendo aí, produzindo, construindo, mas a forma como as pessoas vão ver tudo isso, é realmente muito importante para realmente gerar algo parecido com o que o autor pretendia. Nessa minha batalha para conseguir transmitir alguma coisa, esse foi um dos maiores obstáculos para mim e eu realmente não sei se foi vencido ainda.

Simplesmente porque eu ainda não encontrei a melhor forma de realmente expor todas as traduções, de fazer as pessoas pensarem um pouco em sentir satisfeito com o resultado.

A mídia dos sticker por exemplo, é uma mídia muito diferente de se trabalhar, e qualquer coisa pode funcionar como suporte. A grande sacada é decidir onde colar cada imagem, porque o local influencia totalmente a percepção da obra. Um dos meus stickers colado nas paredes próximas a uma rua que esteja em obras, colado próximos a uma igreja, e colado próximo a uma rua de bairro, afastada do centro da cidade, vai ter um peso totalmente diferente de um lugar para o outro. Cada lugar pode gerar uma percepção da ideia totalmente diferente, às vezes até

oposta ao que eu pretendo passar. Essa é uma característica para ser explorada, as possibilidades são inúmeras, mas da mesma forma, as probabilidades de erro são igualmente grandes. Isso sem falar do problema da “mídia invisível”, que na verdade não é tão invisível assim, mas acaba sendo visível pra muitos poucos nesse caos da cidade grande. Claro que talvez o tamanho dos stickers em si seja um problema, afinal de contas, eu trabalhei com tamanhos não tão grandes assim, mas ainda assim, isso me faz pensar que talvez outras alternativas pudessem ser melhor aproveitadas.

A ideia de fazer os desenhos para serem expostos na galeria também foi uma ideia que funcionou em partes, pelo simples fato de que, os desenhos, as minhas traduções, tinham como um dos principais

Henfil



passar na vista de várias pessoas e dentro de um espaço desses, a imagem fica limitada a apenas algumas pessoas, e não era isso o que eu queria. Fora que, a imagem acaba ficando um pouco fora do contexto, porque eu pesquisei as imagens na rua, traduzi coisas que eu vi enquanto estava na rua, em pontos de ônibus e vivenciando situações do povo nos transportes e nas viagens dentro de BH, e eu acho que a melhor plataforma para expor essas traduções, seria uma plataforma que envolvesse essas situações. Algum suporte que as pessoas nas ruas pudessem ter acesso, produzir algo como um jornal.

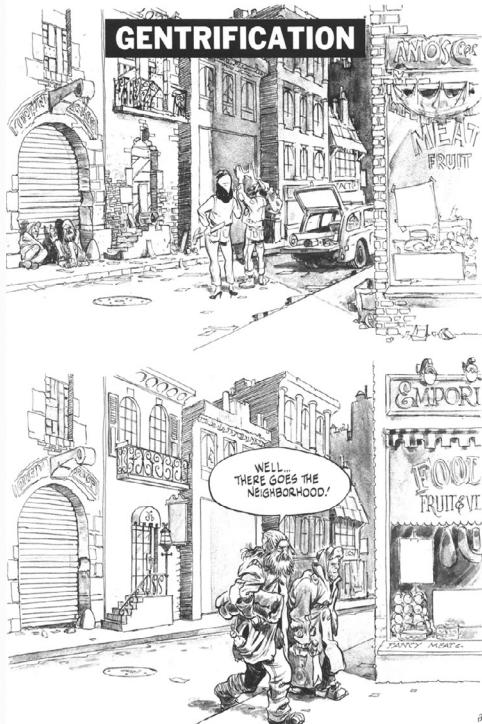
Uma plataforma expositiva que fosse distribuída para os espectadores, onde estariam as traduções e seria possível toda essa circulação e retorno para o espectador que eu pensei inicialmente. É um trabalho para ser colocado em prática, mas as possibilidades desse desdobramento são muito grandes. Inclusive, seria uma forma de retornar as imagens para os locais onde elas foram pescadas originalmente, o que seria por si só uma experiência muito interessante, e com possibilidades gigantes também.

Processo Criativo

Will Eisner- New York The Big City Gentrification

Há algum tempo, eu descobri uma forma diferente de enxergar a vida. Não sei bem se é realmente um forma diferente de enxergar, se é um processo que todos passam, ou se é realmente algum problema, doença, falta de parafuso que acontece com a minha pessoa. Desde muito novo, sempre estive produzindo imagens, sempre desenhando, sempre criando alguma coisa, e à medida que os anos foram passando, comecei a perceber que muitas vezes eu podia enxergar coisas que as outras pessoas não viam da mesma forma que eu. Não foi uma situação que ocorreu de repente, foi na verdade uma constatação natural que foi acontecendo aos poucos.

O que sempre ocorreu comigo foi um processo de realmente enxergar situações, objetos, pessoas de uma forma diferentes de como elas estavam ali. Ou talvez a verdadeira forma dessas coisas, isso eu não sei dizer. Mas é um processo interessante que acontece diariamente na minha vida.



Henfil



Andar pela rua e, no lugar de um poste enxergar uma viga de metal coberta de musgo, ou parado em um ponto de ônibus e ver na chuva, pessoas se locomovendo com sobrinhos como se fossem barcos. Ou até mesmo, enxergar animais gigantes andando e interagindo no nosso meio cotidiano.

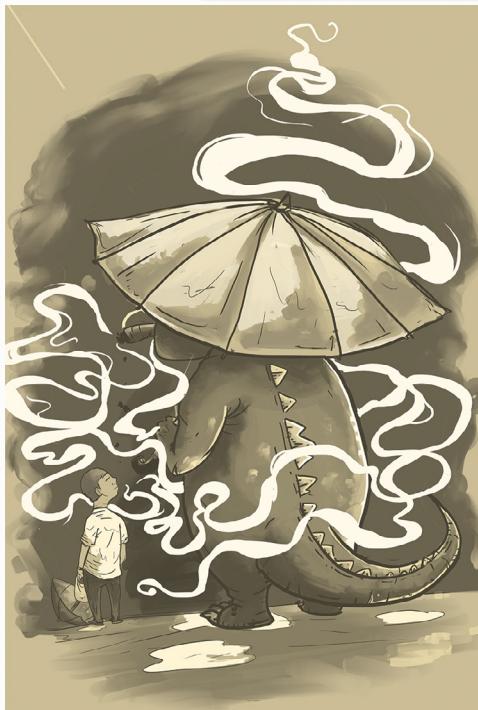
E o que eu decidi fazer foi transformar essas visões em desenhos. Não são bem desenhos, são traduções gráficas das visões, ideias e imagens que eu pisco no meu cotidiano. A forma que eu encontrei para tentar mostrar ao resto do mundo o modo como eu enxergo essas coisas foi tentar traduzi-las para uma linguagem mais acessível, a linguagem do desenho que, para mim, é uma forma extremamente direta de se contar um caso. Essa forma de materialização da imagem, e da utilização facultativa de algum pequeno tipo de texto foi o que acabou ditando a estrutura de praticamente 90% dos trabalhos que viriam pela frente. Uma imagem que busca ter um peso, algo como uma força visual carregada de vários significados e que acabe passando uma mensagem ao espectador.



Saul Steinberg

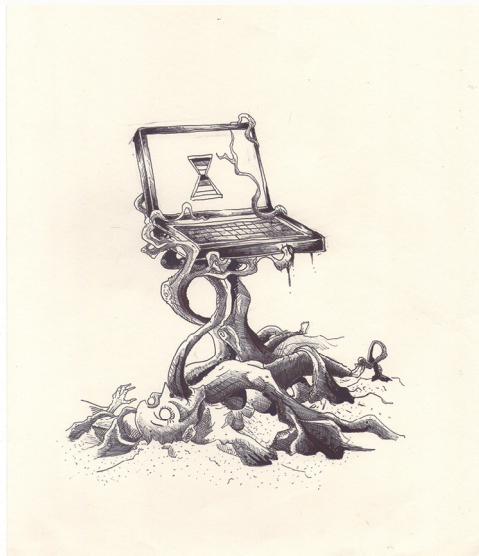


Saul Steinberg



Ponto Esfumaçado

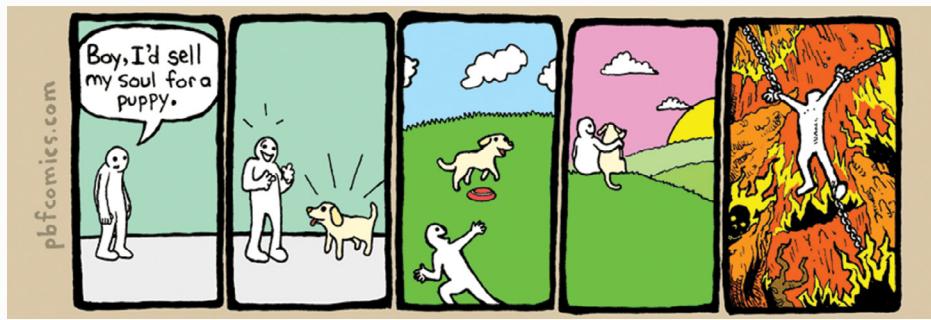
Sistema Interior



Eu sempre encarei isso como meu processo de criatividade, que funcionava de uma maneira um pouco diferente das outras pessoas. Aliás, nem sei se eu poderia categorizar esse processo como sendo diferente das outras pessoas, porque vendo trabalhos que aparecem por aí, de vários artistas diferentes, dá pra perceber certa viagem com as questões da realidade ali. Eu nunca ouvi as pessoas falando muito sobre como a criatividade e a forma como as criações aconteciam, mas eu acredito que devem ter trocentas pessoas no mundo que realmente conseguem enxergar suas criações antes de puxarem as mesmas do mundo das ideias e materializarem essas ideias de uma forma ou de outra. Não precisa ser necessariamente uma materialização visual, como desenhos e pinturas. Escritores fazem a mesma coisa com seus textos, seus contos e suas histórias, e quem nunca ouviu uma música e se sentiu caminhando por outros mundos e percebendo novas coisas a partir do ritmo e da letra? Felizmente essas questões não são nada exclusivas, porque se não fossem assim, seria impossível enxergar o mundo pelos olhos dos outros, as visões do mundo

particularmente diferente sob cada perspectiva nova, que são tão variadas para cada um. Cada experiência vivenciada ajuda a moldar um pouco a sua forma de enxergar e encarar o mundo, e isso é uma parte do que eu quero mostrar com esses trabalhos, minha forma única de enxergar as coisas e como tudo isso foi mudando e evoluindo com o passar do tempo. E, em um trabalho novo em que eu usei uma abordagem diferente foi onde eu fui percebendo realmente que eu estava utilizando uma forma bem única de enxergar as coisas , e tentar mostrar tudo isso sob o

meu ponto de vista. Nesse trabalho, onde eu tive que usar uma linguagem um pouco diferente, a linguagem dos stickers foi se desenrolando até chegar nessa série de desenhos de pontos de ônibus, foi onde eu tive uma consciência diferente dessa forma de materialização das imagens, consegui ter uma noção diferente dessa forma de apresentar algumas dessas traduções. Pescando diversas imagens pelas ruas de BH, e nos pontos de ônibus que eu costumo frequentar diariamente, escutando as conversas, vendo as pessoas expressarem seus



The Perry Bible Fellowship - Puppy Wish

Quino



sentimentos em relação à situação da nossa cidade.

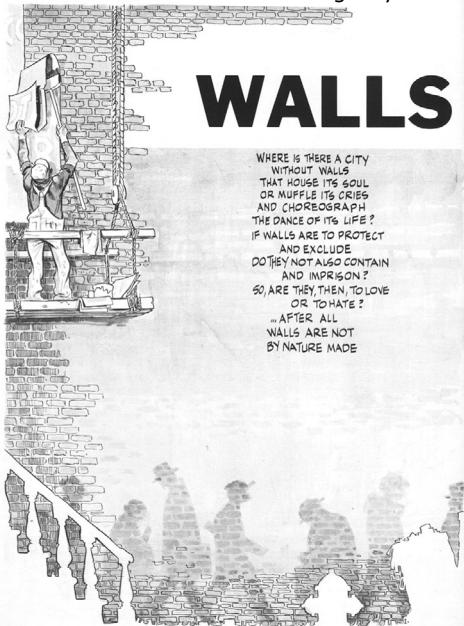
Para quem precisa enfrentar diariamente esse caos que é o transporte público de BH, várias daquelas situações eram minhas também, eu partilhava totalmente daquilo, e enxergava exatamente as mesmas coisas, mas de uma forma um pouco diferente. Foi inclusive, no meio de algumas conversas sobre esses trabalhos, que vieram as minhas primeiras associações com charges e caricaturas, talvez pelo fato do trabalho ser carregado de simbologias e signos. Essa forma de protesto apoiada nessas imagens emblemáticas que geram certa necessidade de raciocínio por parte do observador e que, de certa forma, exige um conhecimento de mundo, uma noção atual da sociedade e certa carga de experiências aliadas a uma dose de intertextualidade para compreender as obras. Por isso a ideia de mostrar para o resto das pessoas que eu também estou enxergando aquilo ali, só que da minha forma particular. Com as minhas traduções daquelas situações, diversas vivenciadas, algumas só observadas, surgiram diversas imagens que realmente funcionavam como uma tradução

do mundo que enfrentamos sempre por aqui, nessa vida de obras, enchentes, brts e tudo mais, e minhas imagens acabam sendo a minha forma de protesto contra todas essas questões que nos assolam todos os dias, mas nada muito jogado na cara assim. Acho muito mais interessante mostrar uma coisinha ali, alguma outra coisa aqui e acabar provocando uma reação nos outros, que faça com que eles analisem bem o que eu mostrei e começem a pensar sobre essas questões de uma forma mais aprofundada.

Pescar imagens pode parecer uma coisa estranha, mas acho que cada uma faz exatamente a mesma coisa de formas diferentes. Eu realmente consigo enxergar coisas acontecendo, pessoas, lugares e situações, e isso faz parte do meu processo criativo e já é tão normal para mim como acordar de manhã e tomar um banho. Tudo se resume a uma coisa chamada visualização. Às vezes caminhando por um local qualquer, me deparo com um banco que para todos os outros estaria vazio, mas que quando eu olho bem, o banco na verdade pode estar servindo de mesa para alguém jantar com a família, ou

pode ser uma coisa totalmente diferente de um banco. Ou, o que costuma acontecer com uma frequência maior, ao invés de estar vazio, ele pode estar sendo ocupado por alguém, ou alguma coisa, algum tigre engravatado comendo um sanduíche ou algum preso relaxando e lendo um jornal com uniforme laranja, e uma bola de ferro presa no calcanhar. Essas coisas acontecem com uma frequência tão grande, que eu já parei para pensar se é realmente normal, se é algum problema, se minha mente exagera essas coisas ou se é simplesmente o meu processo criativo mesmo.

Will Eisner - New York The Big City



106

Esquizofrênico ou não, a questão é que essas visões geram noventa por cento de todas as imagens que eu produzo, praticamente todos os desenhos que eu faço consistem em elementos, ou são inteiramente construído com base nas imagens que eu vejo e pisco por aí. Sempre tem muita coisa, muita coisa maluca que sai da minha cabeça e acaba funcionando muito bem jogada em um papel, muito melhor do que se eu tivesse que escrever sobre elas, ou tentar explicar para alguém, e isso é o que eu chamo de tradução. Essa visão que eu tenho de tradução acaba se encaixando perfeitamente nos meus desenhos, porque eu não consigo realmente passar exatamente o que eu vi para o papel, mas sim, eu crio uma versão que pode significar a mesma coisa. Por isso é uma forma de tradução, funciona como se fosse um palavrão que serve para representar as coisas que eu enxergo da minha forma particular. Os desenhos acabam servindo muito bem a essa função, porque conseguem representar a essência do que eu enxerguei ali, seja um gato gigante na praça sete, ou um astronauta vendendo balas no sinal, ou pessoas entrando um bueiro pra pegar o metrô, tudo

isso eu consigo exemplificar e passar a ideia principal com os desenhos. Todas essas imagens acabam passando por um tipo de triagem mental, e eu vou guardando todas as imagens que eu acho mais impactantes, que tenham a ver com o que eu estou trabalhando na hora, ou que

simplesmente grudem por algum motivo na minha cabeça. Assim sendo, sempre que eu me sento para desenhar, na maior parte das vezes, o que eu faço é ir nos meus arquivos mentais, nas minhas caixas de arquivo verde, e ir catando essas imagens e traduzindo.



Will Eisner -
New York The
Big City
Man's Castle

Onde Estamos agora

Depois de todas essas pesquisas e toda a experimentação e processos, a direção que o meu trabalho está tomando ficou realmente mais clara. Trabalhar utilizando essa didática inspirada nas charges realmente se encaixou muito bem na minha proposta. O trabalho envolvendo a cidade e essa visão mais crítica das situações que todos nos passamos por aqui, junto com todo o posicionamento político por trás de cada imagem se tornaram partes fundamentais do meu processo de criação. Acho que hoje em dia eu posso dizer que são características fundamentais da minha produção.

Todo o processo de pesquisa me ajudou a ter uma projeção muito melhor do que os meus trabalhos podem se tornar, e tudo o que eu posso conseguir atingir. Eu realmente fiquei muito inspirado nos chargistas que eu pesquisei durante esse ano, e o direcionamento que o meu trabalho está tomando depois dessas pesquisas é algo que me agrada bastante.

A minha motivação com a criação das imagens permanece, e eu não quero me tornar um militante político, levantar bandeiras e incitar manifestações. Mas eu quero sim deixar claro minhas opiniões e, tentar mostrar que tem muita coisa acontecendo por aqui. Tem muitas situações que a gente não percebe ou não quer perceber, e tem muitas imagens que eu quero mostrar.



Millôr Fernandes

E com minhas imagens eu acredito que isso seja possível. Acho que o meu trabalho pode realmente ter um peso, afinal de contas, qualquer um pode ver uma imagem e gerar um raciocínio em cima daquela obra.

E o processo continua, estamos sempre passando por um ciclo de aprendizagem e de evolução. Meu trabalho cresceu muito no ultimo ano, e de uma forma que eu não esperava realmente. Durante esse processo de pesquisa e de trabalhos no ateliê, foi onde eu realmente passei a ver todas as possibilidades que eu conseguiria alcançar. Ainda tenho muitas coisas para explorar, muito que pesquisar e muito para fazer. Acredito que a minha produção daqui para frente vai ser muito mais profunda, com essas bases que eu construí, e com todo o estudo e reflexão em relação ao meu próprio trabalho, tenho certeza que meu crescimento vai ser muito maior.

Para falar a verdade, depois de toda essa pesquisa e estudo, eu fico muito mais tranquilo para continuar trabalhando com o que eu quero realmente. Sempre tive um pouco de receio com o tipo de trabalho que eu faço, e o valor que

as pessoas realmente dão para esse tipo de produção, mas depois desses trabalhos de 2013, eu entendi que existe sim um valor, um zespão para o meu trabalho. Trabalhar com desenho, charge e obras relacionadas, abre muitas possibilidades em espaços diferentes para mim, e em formas diferentes para explorar meus trabalhos.

Esse trabalho me deixou com muitas opções para explorar, e algumas dessas possibilidades vão realmente se tornar futuros desdobramentos do trabalho.

A primeira dessas possibilidades é a publicação com as charges. Não teria muito texto, seria mesmo só as imagens reunidas numa publicação. Não sei bem como seria a forma de distribuição desse trabalho, poderia ser alguma coisa entregue pela cidade, ou deixado em algum lugar para as pessoas pegarem. São muitas as opções para esse tipo de abordagem.

Uma publicação digital também seria bacana, talvez um blog que fosse sempre atualizado com novas imagens, e assim com certeza teria um alcance bem grande, seria muito mais ampla a distribuição e divulgação. Outra das possibilidades que mais me

deixa empolgado com esse projeto, é a possibilidade de realmente reproduzir as traduções no mundo real. Como isso seria feito, já é um mar de possibilidades gigantesco. Diversas imagens que eu enxerguei pela cidade poderiam se tornar objetos no cenário cotidiano da cidade, seria uma das formas mais próximas de reproduzir sensações parecidas com as que eu vivenciei no processo de coleta dessas imagens.

O trabalho com as imagens dos pontos de ônibus teria uma potência muito grande se fosse realizado dessa forma, se eu conseguisse reproduzir essas situações nos pontos de ônibus mesmo, no meio das pessoas, as simbologias se tornariam bem mais facilmente percebidas, e seria uma associação com a ideia bem mais forte e imediata. As pessoas ficariam com aquela situação gravada na mente de uma forma bem mais eficaz, e seria mesmo a essência da ideia inicial, que realmente tinha a ver com a situação de se encontrar com imagens inusitadas em locais em que elas realmente não deveriam necessariamente estar, representando bem essa situação tão cotidiana do meu dia a dia, mas transmitindo aos olhos das outras pessoas.

Minha pesquisa ainda está bem aberta, e ainda existem muitas possibilidades para serem exploradas. Assim, continuo a minha produção, continua traduzindo as imagens e, acredito que a cada nova etapa concluída do meu processo, novas descobertas e entendimentos irão aparecer.

Metrô praça 7 Sketch



Bibliografia

Manual de intervenção Urbana: Eduardo Surur. Editora : Rei
Intercom Sociedade Brasileira De estudos Interdisciplinares da comunicação.
Os stickers como intervenção urbana e interação em rede

Banksy - Guerra e Spray
Autor: Banksy; McKenna, Paul
Editora: Intrínseca

Will Eisner – New York the Big City

Stickers -
From punk rock to contemporay art
Db Burkeman

Documentário 'O Pasquim - A Subversão do Humor'
Produção: TV Câmara

Enciclopédia Itaú Cultural
<http://www.itaucultural.org.br/>

Livres Pensadores
<http://livrespensadores.net/>

The Perry Bible Fellowship
<http://pbfcomics.com/>

The Saul Steinberg Foundation
<http://www.saulsteinbergfoundation.org/>

Imagens
Página 10 -
<http://photos1.blogger.com/blogger/66/958/1024/Steinberg%20blog.jpg> (acessado em
http://illustrationart.blogspot.com.br/2006_04_01_archive.html
Página 11
<http://www.newyorker.com/online/blogs/cartoonists/2012/12/saul-steinberg-gag-man.html>
http://www.newyorker.com/images/2012/12/17/p465/121217_cn-steinberg-4_p465.jpg
Página 24
<http://pbfcomics.com/161/>
Página 25
<http://pbfcomics.com/106/>
<http://pbfcomics.com/179/>
<http://pbfcomics.com/246/>

Página 34

<http://exhibits.library.northwestern.edu/spec/hogarth/women1.html>

Página 36

http://3.bp.blogspot.com/_AGulc-LQagI/SRBga8ClnGI/AAAAAAAABFY/CeW_yUrMUltM/s1600-h/O+Pasquim.jpg

Página 37

http://fontecom.files.wordpress.com/2011/06/pasquim_henfil.jpg

Página 38

http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/pasquim_ziraldo.jpg

http://farm5.static.flickr.com/4002/4439143433_39a954bcf4_o.jpg

Página #9

http://www.terra.com.br/istoe-temp/1785/fotos/avenida_brasil.jpg

<http://www.cenacarioca.com.br/wp-content/uploads/2012/03/tiras1.jpg>

Página 40

http://jocaebenito.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/03/cha_349.jpg

<http://www.cenacarioca.com.br/wp-content/uploads/2012/03/tiras2.png>

Página 41

<http://anagam.com/quino-caricaturista-argentino/>

<http://quadrinhosetc.wordpress.com/page/15/>

Página 44

http://4.bp.blogspot.com/_sQ00yEv9tpk/TA-0Q9fLZiI/AAAAAAAHLg/EMLpYUNr7u0/s640/Henfil+Eureka.jpg

Página 45

http://www.medplan.com.br/site/imagens/geral/img_20090521_192941.jpg

Página 46

http://www.newyorker.com/images/2012/12/17/p465/121217_cn-steinberg-3_p465.jpg

<http://www.newyorker.com/online/blogs/cartoonists/2012/12/saul-steinberg-gag-man.html>

Página 48

<http://pbfcomics.com/24/>

http://quadrinhosetc.files.wordpress.com/2012/03/mafalda_quino2.jpg

Página 52

<http://rodrigochame.files.wordpress.com/2012/03/millor.gif>



Rodethos
ilustração . Artes gráficas